

**XX ENCONTROS DE
CINEMA**
VIANA 03 A 7 NOVEMBRO 2020

**9.ª conferência
internacional
de cinema**



03.06

novembro

9.^a conferência

internacional de cinema

Viana do Castelo

Programa

novembro **03** > terça-feira

10h30 > Abertura

11h00 > CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA > Sessão 1

15h00 > MESA-REDONDA • Práticas de Cinema na Escola > Sessão 1

novembro **04** > quarta-feira

10h00 > CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA > Sessão 2

15h00 > MESA-REDONDA • Práticas Cinematográficas na Escola > Sessão 2

novembro **05** > quinta-feira

11h00 > CINEMA E ESCOLA > Sessão 1

15h00 > CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA > Sessão 3

novembro **06** > sexta-feira

11h00 > CINEMA E ESCOLA > Sessão 2

15h00 > CINEMA E ESCOLA > Sessão 3

Cinema e Escola

Nesta temática abordaremos duas questões que se nos afiguram complementares: a representação da escola no cinema e as práticas de cinema na escola. Na primeira apelamos a reflexão sobre como o cinema representa a escola, os professores, os alunos, as hierarquias, processos de ensino de formas muito diversificadas. Pretendemos trazer para a discussão o modo como a escola é representada no cinema. A escola e seus atores. A escola como um lugar de conflito, de poder, de resistência, de conhecimento. A escola como um lugar de construção e negociação de identidades. Como um lugar de produção de (des)igualdades sociais, culturais. Uma instituição de transição da vida familiar para o mundo. Na segunda pretende-se refletir sobre as múltiplas práticas de cinema desenvolvidas na escola – o visionamento e análise de filmes, os clubes de cinema, a utilização das tecnologias na produção de documentos audiovisuais, a escrita dos filmes ou acerca dos filmes. O cinema em todos os seus estados entra na escola e transforma-a. Pretendemos debater e partilhar as práticas de cinema desenvolvidas na escola do jardim-de-infância à universidade, da prática lúdica à observação científica, da observação à criação de imaginários. Cinema enquanto instrumento e objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos, arte e sentimentos?

Cinema: Arte, Ciência e Cultura

O cinema é, desde sua invenção, fruto de uma sociedade que ele reproduz e reinventa. Considerado espelho da sociedade, o cinema traça as evoluções e as revoluções de um mundo em mudança. ele próprio sujeito e causa de múltiplas mudanças. entre o real e o imaginário, o cinema convida o espetador a refletir sobre o mundo contemporâneo. Quer como produto comercial, filme científico ou como obra de arte os filmes são representações do mundo consequentes das tecnologias, dos modos de produção, dos costumes, das formas de governo, das censuras. Nesta temática pretende-se debater o cinema como arte, ciência, tecnologia, cultura mas também os contextos sociais, económicos e políticos em que a continuamente se reinventa. Sobretudo é, como afirma Edgar Morin, importante estudar homem à luz do cinema e necessário compreender que a relação entre real e imaginário no cinema constituem uma unidade complexa e complementar.

9.^a conferência internacional de cinema

Viana do Castelo

novembro 03

> 11:00H > CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA > SESSÃO 1

Moderadora: Gláucia Davino

Título

A Democracia em Vertigem e as vertigens de uma candidatura ao Oscar 2020

Palavras-chave

Democracia em Vertigem, Elena, Narrativa na Primeira Pessoa, Crítica cinematográfica /crítica política

Autoria

José da Silva Ribeiro

CEMRI-UA6 / GECND – AO NORTE

jsribeiro.49@gmail.com

Professor aposentado da Universidade Aberta, professor visitante em universidades europeias e Brasileiras. Investigador do CEMRI - Universidade Aberta e do Grupo de Estudos de Cinema e Narrativas Digitais da AO NORTE.

Resumo

Petra Costa realizou um documentário sobre o modo como vê o esvair-se da Democracia, do Estado Social e do Estado de Direito no Brasil. A obra Democracia em Vertigem (2019) encontra antecedentes na obra da jovem Antropóloga Cineasta – Elena (2012), mas também em referências mais abstratas – Como as democracias morrem (2019) de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt. Deter-nos-emos sobre o filme, e carreira da cineasta, nas questões das narrativas na primeira pessoa (subjetividade na construção da narrativa) e na obra referida acima, mas sobretudo no modo como sua nomeação para o Oscar 2020 desencadeou uma vertigem de críticas e comentários.

Título

Memórias no cárcere: entre páginas e frames

Palavras-chave

Sistema prisional, Literatura, Cinema, Gênero, Subjetividades

Autoria

Priscila Santos Oliveira

Diversitas - FFLCH/USP

Doutoranda em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades pela Universidade de São Paulo, mestre em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2018). Graduada em Letras, com habilitação em língua espanhola e em língua portuguesa, pela Universidade de São Paulo (2010). Professora de ensino superior na Faculdade de Tecnologia de Cotia. Executivo Público no Governo do Estado de São Paulo. Experiência em consultoria de idiomas e de comunicação.

Resumo

Cinema e literatura apresentam-se como produtos culturais por meio do qual é representada a realidade dos sujeitos e, quiçá, por meio do qual são provocadas reflexões acerca do mundo representado. Além disso, ambos carregam em si as possibilidades de narrar histórias, a partir de distintos pontos de vista, que podem ser combinados de diferentes maneiras. Tendo em vista tais possibilidades, este trabalho propõe-se a realizar uma aproximação entre produções literárias e produções audiovisuais que têm como temática o sistema prisional brasileiro. O Brasil está, na atualidade, entre os países que apresentam as maiores populações prisionais, custodiando, no período de julho a dezembro de 2019, em suas unidades prisionais, 748.009 indivíduos. Relativizando-se a questão a partir da perspectiva de gênero, cerca de 95% dos encarcerados são do sexo masculino e aproximadamente 5% são do sexo feminino. Em que pese serem a menor quantidade absoluta de encarceradas, observa-se um crescimento de aproximadamente 120% na população prisional feminina na última década. Para pensar os efeitos desse aprisionamento, há que se ponderar ainda os papéis sociais impostos às mulheres, que muitas vezes culmina no abandono da família e da comunidade, bem como as condições desse encarceramento, que frequentemente não dão conta de solucionar por completo as demandas do gênero. Assim, por meio da observação de filmes nacionais, que via de regra retratam o ambiente prisional masculino, e de produções literárias, também nacionais, que versam sobre o encarceramento feminino, observar-se-ão as narrativas e as relações apresentadas em cada um dos casos, refletindo acerca das similitudes e diferenças entre cinema e literatura, bem como sobre as condições e a segregação destas populações prisionais.

Título

A poética do ato performativo como regente da criação audiovisual no curta-metragem Anot/her

Palavras-chave

processo criativo, curta-metragem, audiovisual, ato performativo, realização

Autoria

Flávio Almeida

IADE/UBI

email.flavioalmeida@gmail.com

Professor, investigador, músico e designer nas vertentes gráficas e multimídia. Obteve o grau de doutor em design na Faculdade de Arquitectura – ULisboa em 2015, mestre em design e cultura visual no IADE em 2009 e licenciatura em Música no Instituto de Artes da UNESP. No âmbito da investigação acadêmica tem se dedicado às áreas temáticas da cultura visual, análise de imagens, videogames e cultura gráfica japonesa.

Renata Ferraz

CIEBA-FBAUL

renataferraz.info@gmail.com

Investigadora académica-cineasta-atriz. Renata Ferraz é doutorada em Artes (Performativas e da Imagem em Movimento) pela Universidade de Lisboa. É mestre em Arte Multimédia - Audiovisual (FBAUL) e licenciada em Artes do Espetáculo (Instituto de Artes - UNESP). Tem experiência de mais de uma década no ensino, como professora e coordenadora artístico-pedagógica. Ao considerar teoria e prática como vertentes equivalentes nos processos de criação-investigação em cinema, nos últimos anos, escreveu artigos para revistas internacionais e capítulos de livros de relevância para a pesquisa científica em cinema, multimédia e artes performativas. Atualmente é membro filiada do CIEBA - Centro de Investigação em Belas Artes, (Universidade de Lisboa) e do LabCom.IFP - Comunicação, Filosofia e Humanidades (Universidade Beira Interior) e está a finalizar a longa-metragem Rua dos Anjos, com financiamento do ICA, filme criado no âmbito do programa de doutoramento.

Resumo

Anot/her é uma curta metragem fruto de uma encomenda de uma realizadora-atriz a um designer-músico. Após o término das filmagens de uma longa metragem, A realizadora decide rapar completamente o seu cabelo, algo, até então, inédito na sua história de vida. À ideia resoluta de mudança repentina de aparência, junta-se a premissa da realizadora de abdicar de qualquer controle da realização. Ela passaria a servir à concepção e à realização de outrem e a ação de cortar o cabelo ganharia o estatuto de ato performativo. Diante desse contexto, o designer-músico propôs um exercício de impressão imagético/sonora. Os adereços são restritos a um espelho e a uma tesoura. A paisagem marítima, escolhida para servir de cenário para o ato performativo partilhado entre a realizadora-atriz e o designer-músico-ator, foca-se principalmente na utilização da aleatoriedade das ondas do mar como elemento de impulso narrativo. Nessa comunicação, serão abordadas as questões criativas, técnicas e estéticas de uma obra criada por um designer-músico que ocupou-se da função de realizador e performer de um filme onde os procedimentos criativos do design e da composição sonora impulsionaram todo o processo da gênese fílmica.

novembro 03

> 15:00H > MESA-REDONDA • PRÁTICAS DE CINEMA NA ESCOLA

Moderadora: Isa Mateus (Comité Executivo da Federação Internacional de Cineclubes e Vice-presidente da Federação Portuguesa de Cineclubes)

Apresentação

A mesa redonda faz um zoom nas atividades, planos, projetos, programas realizados e produzidos a partir de propostas dos Cineclubes às suas comunidades escolares dos vários graus de ensino. que de modo formal e informal têm um estar continuado, regular e progressivo nas suas atuações públicas. País em foco - o Brasil.

Participantes

Tetê Avelar (Presidente do Conselho Nacional de Cineclubes - Brasileiros)
Alemberg Quindins (Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri)
Manuela Sobral – Festival ENTRETODOS e projeto Curumim

novembro 04

> 11:00H > CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA > SESSÃO 2

Moderadora: Sandra Nunes

Título

Punk Molotov

Palavras-chave

Movimento punk; anarquismos; identidades; subjetividades; singularização

Autoria

Larissa Guedes Tokunaga

Diversitas - FFLCH/ USP

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades pelo Diversitas/USP e graduação (bacharelado e licenciatura) em História pela Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Tempo Presente. Autora de artigos sobre o Anarquismo.

Resumo

Em Punk Molotov, o diretor João Carlos Rodrigues acompanha alguns momentos dos jovens da banda de punk rock Coquetel Molotov, entrevistando-os diretamente e inclusive aparecendo no enquadramento em tom de manifesto contra as autoridades. O recorte espacial e temporal, focalizado na periferia da cidade do Rio de Janeiro nos estertores da ditadura civil-militar (1983-1984), sinaliza a intenção de representar uma construção identitária à margem da estrutura hegemônica. Todavia, os limites entre uma identidade territorializada e a construção de uma imagem performática se tornam esboçados no decorrer da narrativa. O modelo que o diretor e os jovens protagonistas cultivavam acerca do movimento anarquista, sintetizado em icônica cena do empunhar de livros de autores clássicos do movimento, incitou ao questionamento da tenuidade das representações identitárias. O estilo cênico se apropria de referenciais anarquistas, embora tal construção não pareça se enraizar em uma ética ortodoxa do pensamento libertário. Transitando entre a rebeldia estética do punk e um desejo em devir de forjar um novo ethos libertário, percebe-se como as imagens se alinham em um exercício cotidiano de “sujeitos nômades”. Pensando nas identidades sob o prisma da singularidade, à luz do arcabouço conceitual das ideias de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tem-se como escopo interpretar a iconicidade das representações anarquistas veiculadas pelo documentário Punk Molotov.

Título

Produção de elipses e hipérbolos na biografia cinematográfica

Palavras-chave

histórias familiares, vídeos autobiográficos e biográficos

Autoria

Ana Priscila Fontoura

ESMAD

fontoura.priscilla@gmail.com

Finalista e Estudante de Mestrado de Comunicação Audiovisual, área Cinema Documental, trabalhadora independente e mentora dos projectos Lula Gigante e Acordes de Quinta.

Coautoria

Adriana Baptista

mab@esmad.ipp.pt

Docente no Mestrado de Comunicação Audiovisual, área de Fotografia e Cinema Documental, na ESMAD/IPP, de Semiótica e Retórica e Verbal e Visual, Doutorada em Psicolinguística (Literacia Verbal e Visual); investigadora na uniMAD/ESMAD e no CLUL/FLUL.

Filipe Martins

carlosfilipemartins@gmail.com

Realizador, docente/coordenador (ESMAD-IPP) e investigador (IF-UP).

António Morais

antoniomorais@esmad.ipp.pt

Cinematógrafo, fotógrafo e docente (ESMAD-IPP).

Resumo

Na construção da biografia (vida escrita), a genealogia, frequentemente suportada por razões históricas e políticas, enquanto ciência, valoriza a investigação, para a produção de uma árvore hiper-informativa, representando alegoricamente a família, com lacunas eventuais por carência de informação, no entanto, o texto literário, suportado pela apresentação icónica do real ou da ficção, valoriza para a biografia a retórica verbal capaz de desenhar o clímax (marcado por causas e consequências) e o segredo (marcado pelo tabu, ou pela ocultação, dissimulação ou disfarce). No cinema, repudiada a exigência da ciência, a biografia familiar movimenta-se numa fronteira complexa verbal e visual entre ficção e documentário. Nos documentários biográficos, em que o realizador e/ou o produtor do documentário pertencem à família biografada, tal como diz Patrícia Mourão “de um lado (...) a autobiografia afirma-se como uma tentativa de dialogar e de responder a uma história artística que inclui o próprio cineasta, de outro, ela propõe-se como um lugar de singularização e transformação dessa história.” (Mourão, 2016). Estes documentários biográficos não se apropriam com facilidade de tipologias que incluem biografia, autobiografia, ficção homodiegética, ficção heterodiegética (cf. Genette, 1991), heterobiografia, fotobiografia ou mesmo biograma), e neles são usadas várias estratégias, onde emoção e competência técnica não podem ser separadas. Nestas estratégias, fica frequentemente, em primeiro lugar, a identificação do assunto relevante para ser partilhado, assim como a percentagem de tempo diegético gasto com o mesmo, com a sua im/previsibilidade ou aceitabilidade socio-emocional. Também relevantes são a opção pelo tipo de pesquisa, pela dissimulação de dados, pela definição de fronteiras no eixo diacrónico, pela emoção ausente/patente da voz do narrador, pela presença física do narrador enquanto sujeito do agregado familiar, pela definição da hierarquia nos braços em foco da árvore genealógica ou pela seleção do público a conquistar. Assim, na direção, na realização, na construção do guião e na montagem do documentário biográfico lida-se, inevitavelmente, com a redução de informação recolhida/conhecida e com a identificação (por elipse ou hipérbole) do que se pretende tornar explícito ou implícito como património familiar. Para aprofundar as questões de produção que a definição do património familiar impõe num documentário, analisaremos como a abordam os dois documentários, Elena de Petra Costa (2012) e A family Affair de Tom Fassaert (2014), tentando organizar a sua sistematização no caso particular da identificação de temas, sub-temas e personagens redondos e planos dentro da estrutura familiar.

Título

A cidade em álbuns de fotografia – a imobilidade e a fragmentação como processo autoral de Federico Fellini no filme Roma

Palavras-chave

Federico Fellini, Roma di Fellini, Cinema Italiano, Cinema de Autor

Autoria

Anna Paula Soares Lemos

PPGHCA / UNIGRANRIO

anna.lemos@unigranrio.edu.br

Doutora e Mestre em Literatura Comparada na Faculdade de Letras - Depto. de Ciência da Literatura da UFRJ, integra o grupo de pesquisa Formação do Brasil Moderno: literatura, cultura e sociedade, certificado pela UFRJ e registrado no diretório da CNPq, atuando na linha de pesquisa Literatura e Imagem. Atualmente é Professora Adjunta 1 do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes. Inter-Humanitas, PPGHCA/UNIGRANRIO, faz parte do Núcleo de Formação Geral da universidade. É também professora dos cursos de graduação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, defendeu no Mestrado a dissertação "Ariano Suassuna, o palhaço-professor" publicada pela Editora Multifoco. No Doutorado -- com bolsa de pesquisa CNPq e PDEE- Capes -- também em Literatura Comparada na Faculdade de Letras - Depto de Ciência da Literatura da UFRJ defendeu a tese

"Anotações de um diretor: o cinema de Federico Fellini na televisão" com pesquisa feita na La Sapienza di Roma, no Centro Sperimentale de Cinematografia di Roma e na Fondazione Federico Fellini em Rimini. É líder do grupo de pesquisa IMAGEMNO - Núcleo de Estudos em Imagens, Memórias, Narrativas e Oralidades. Interesses de pesquisa: Narrativas audiovisuais, Literatura e imagem, teatro, cinema e coletivos artísticos. É Bolsista PROPESQ 1A FUNADESP/UNIGRANRIO.

Resumo

Este artigo versa sobre o gradativo e autoral processo de criação do cineasta italiano Federico Fellini. Um processo em que das anotações iniciais à versão final do filme, várias etapas de corte, colagem e movimento dos planos; de textos, luzes e dublagem, tomavam um tempo maior do que aquele da maioria das produções. O foco de análise é o filme Roma di Fellini de 1972. Até chegar à tela, o filme passou por variadas transformações. A questão aqui, no entanto, não é afirmar que em Fellini este fato é um diferencial, mas observar como esta transformação se dá no filme via pesquisa documental de seu material de origem, suas anotações e colagens que se encontram nos arquivos da Fondazione Fellini em Rimini, na Itália.

novembro 04

> 15:00H > MESA-REDONDA • PRÁTICAS DE CINEMA NA ESCOLA

Moderação: José da Silva Ribeiro e Alfonso Palazón Meseguer

Presentación

Existe un consenso social, desde las instituciones educativas y políticas hasta las asociaciones de familias, en que la educación audiovisual es necesaria desde las etapas más tempranas de la enseñanza. Sin embargo, los docentes muestran un desconocimiento en su uso en el aula, además de sentirse en un desamparo curricular. En este contexto han aparecido algunas novedades con relación al aprendizaje del audiovisual para la aplicación pedagógica. El cine se ha convertido en una herramienta fundamental para orientar la reflexión sobre el audiovisual, las prácticas creativas y el uso de este medio para el aprendizaje. En esta mesa se pretende reflexionar sobre los diferentes aspectos que definen la realidad del cine en la escuela: La introducción del cine en el aula, el aprendizaje del cine y las estrategias uso docente del cine en el aula.

Título

O ensino da criação cinematográfica

Autoria

Alfonso Palazón Meseguer

Doctor y Licenciado en Ciencias de la Información por la Universidad Complutense. Premio Internacional Aurelio Paz dos Reis 2016. Profesor Titular de Comunicación Audiovisual en la Facultad de Ciencias de la Comunicación de la Universidad Rey Juan Carlos (URJC). Dirige el Máster Oficial en Documental y Nuevos formatos en la URJC. Ha trabajado en diferentes proyectos audiovisuales como realizador, productor y guionista. Entre sus líneas de trabajo destacan la creación y la realización cinematográfica, el documental y las narrativas transmedias.

Resumen

A aproximação ao cinema é uma oportunidade para a escola e sobretudo para falar do cinema como obra de arte e cultura. Filmar um plano é capturar o tempo do mundo e desenvolver a imaginação e a emoção da criança que o faz. Tornar bons espectadores capazes de assistir a filmes para ensinar o amor pelo cinema, pela sua forma, pela sua arte; com a ideia de sentir satisfação artística e partilhar as emoções do cineasta diante da complexidade da criação.

Título

El docente y la pedagogía del cine

Autoría

Jesús Ramé López

jesusrame@yahoo.es

Jesús Ramé es Doctor en Filosofía por la UNED, con la tesis titulada El error de Narciso: Estética modal y audiovisual. Profesor del Departamento de Comunicación y Sociología y del Máster del Formación del Profesorado en la Universidad Rey Juan Carlos. Profesor de postgrado en la UNED del curso "Alfabetización Audiovisual para docentes". Ha sido también profesor de "Montaje y Postproducción" en la Universidad Complutense de Madrid. Miembro del equipo de investigación Intermedia de la Universidad Rey Juan Carlos. Miembro del colectivo de alfabetización y creación audiovisual "Educar la mirada". Su texto "Lukács y el cine" ha obtenido el premio Fernando Gonçalves Labrador en el IX Congreso Internacional de Cine de Avanca 2018 (Portugal). Recientemente ha sido editor del libro No lo saben, pero lo hacen. Textos sobre cine y estética de György Lukács (2019). Además es montador profesional de cine y televisión.

Resumen

En la actualidad, desde el reconocimiento del nuevo paradigma comunicacional, la educación ha empezado a incorporar la idea de una alfabetización audiovisual. En este sentido, surgen diferentes iniciativas institucionales en relación con la formación de docentes, tanto en el manejo del audiovisual en el aula como en poner en juego estrategias pedagógicas para enseñar los modos de producción filmicos. En este sentido emergen tres niveles en la formación del profesorado que incluyen el cine: el lenguaje filmico dentro de la competencia digital docente, la formación del profesorado en el uso del cine en el aula y la adquisición de herramientas para enseñar la práctica cinematográfica. En esta explicación se pretende desplegar la situación actual y las consecuencias que está teniendo este cambio de perspectiva pedagógica.

Título

Colectivo Educar la mirada

Autoría

Marisa Víctor

mavicres@hotmail.com

Marisa Víctor es maestra de Educación Infantil y Educación Primaria y licenciada en Pedagogía. Ha trabajado como maestra en diferentes centros públicos de la Comunidad de Madrid, especialmente en la comunidad educativa del Colegio Público Trabenco de Leganés (Madrid) y actualmente en la Escuela Infantil Zofío de Madrid. Miembro del colectivo de alfabetización y creación audiovisual "Educar la mirada". Pertenece al Movimiento de Renovación Pedagógica "Acción Educativa" fomentando e impulsando una reflexión crítica y creativa, así como una formación permanente del profesorado. Desarrolla parte de su trabajo docente en el colectivo EnterArte, generando y gestionando proyectos innovadores de educación artística en diferentes etapas educativas. Trabajando en colaboración con artistas, gestores culturales y museos interesados poner en relación arte y escuela. Colabora con el Centro de Arte 2 de Mayo (CA2M), Museo de Arte Contemporáneo de la Comunidad de Madrid, en coordinación con el departamento de educación en diferentes grupos de trabajo, formaciones y publicaciones

Mariano García

marianetegarcia@yahoo.es

Mariano García es Maestro de Educación Primaria y Pedagogía Terapéutica. Miembro del colectivo de alfabetización y creación audiovisual "Educar la mirada", donde ha realizado sus investigaciones principalmente participando en los talleres de alfabetización audiovisual formando parte de la comunidad educativa en el Colegio Público Trabenco de Leganés. También ha trabajado junto con el Colectivo "El encuentro" de mujeres mayores del centro Ramiro de Maeztu del Ayuntamiento de Leganés, dentro del trabajo de investigación del colectivo "Educar la mirada". En el año 2013 junto con la comunidad educativa del Colegio Público Trabenco formó parte del proyecto "La integración del patio como espacio educativo", siendo parte de su trabajo de fin de grado de la especialidad de Pedagogía Terapéutica.

Resumen

El Colectivo Educar la Mirada es un grupo de personas dedicadas a la educación, el audiovisual y la investigación que entienden la imagen en movimiento como una herramienta para la vida, tanto en la cotidianidad, en su carácter comunicacional, como en el enriquecimiento personal que supone la experiencia estética cinematográfica. En este sentido, participan de proyectos de alfabetización audiovisual acompañando procesos de sujetos no productivos, como la infancia, ya que trabajan la creación pluriautorial con grupos que no tienen como pretensión, a priori, la producción audiovisual. Uno de los proyectos más interesantes es el trabajo en alfabetización audiovisual en Trabenco, una escuela pública de la ciudad de Leganés (Madrid).

Título

Proyecto Cine en Curso

Autoria

Nuria Aidelman

nuria.aidelman@a-abaoaqu.org

Nuria Aidelman es fundadora de la asociación A Bao A Qu, cuyos proyectos junto a Laia Colell. Entre los programas desarrollados por A Bao A Qu destacan Cine en curso, Creadores En Residencia en los institutos de Barcelona, programa del Ayuntamiento de Barcelona (desde 2009), Fotografía en curso (desde 2012), Moving Cinema (desde 2014) y CinEd (desde 2015). Es profesora de cine y de fotografía en la Facultad de Comunicación de la Universitat Pompeu Fabr. Es co-autora de numerosos artículos y conferencias sobre pedagogía del cine. Ha editado, con Gonzalo de Lucas, Jean-Luc Godard. Pensar entre imágenes (ed. Intermedio, 2010) y ha escrito artículos en diversas publicaciones y libros colectivos como Godard.Documents, Erice-Kiarostami, Plossu Cinéma. Fue programadora de Xcèntric y Gandules del Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona entre 2003 y 2011.

Resumen

‘Cine en curso’ es un programa de pedagogía del cine y con el cine en escuelas e institutos públicos. Iniciado en 2005 en Cataluña, actualmente también se desarrolla en Galicia, Madrid, Euskadi, Alemania y Chile. ‘Cine en curso’ tiene dos grandes objetivos: Propiciar el descubrimiento por parte de niños y jóvenes del cine entendido como arte, creación y cultura; y desarrollar las potencias pedagógicas de la creación cinematográfica en el contexto educativo. El programa se articula a partir de cuatro ejes principales: 1) La presencia regular y continuada de cineastas en los centros educativos impartiendo talleres junto a los y las docentes, dentro del horario lectivo; 2) La articulación del descubrimiento del arte cinematográfico a partir de una metodología que vincula estrechamente la práctica creativa con el visionado de películas; 3) La formación de los y las docentes; 4) La construcción del proyecto como laboratorio de investigación aplicada: espacio de experimentación y reflexión. A partir del análisis y la reflexión compartida por cineastas y docentes, se elaboran propuestas, materiales y metodologías extensibles a contextos educativos diversos.

novembro 05

> 11:00H > CINEMA; ARTE, CIÊNCIA E CULTURA > SESSÃO 3

Moderadora: Anna Paula Soares Lemos

Título

Theresienstadt: narrativas da luta racial

Palavras-chave

Cinema, Nazismo, Antissemitismo, Segunda Guerra Mundial, TheresinStadt

Autoria

Hugo Nogueira Neto

Diversitas - FFLCH/USP

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades pelo Diversitas/USP; graduado em jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP) e mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades pelo Diversitas/USP. Desenvolve pesquisas e textos, como doutorando, nos campos da estética e da história do cinema, sobretudo de produções oriundas da indústria cultural cotejadas pela perspectiva da análise fílmica e da interpretação psicanalítica.

Resumo

Essa comunicação evolve em torno do contexto político e psicossocial do qual adveio o único filme documental produzido pelo Terceiro Reich que tomou como assunto o cotidiano de um campo de concentração judaico. Trata-se, igualmente, da última produção cinematográfica oriunda da Alemanha nazista em que judeus ocuparam um lugar proeminente na representação. Cotejada em perspectiva com os eventos que determinaram a política de extermínio judaico, a análise desse falso documentário produzido pelo alto comando da SS, Theresienstadt, Ein Dokumentarfilm aus dem jüdischen Siedlungsgebiet ("Theresienstadt, um documentário do assentamento judaico", Kurt Gueron, 1944), lança luz sobre as dissonâncias entre as políticas raciais do regime hitlerista e o apelo do antissemitismo na cultura de massa. Pelo que a comunicação problematiza as flutuações do registro imagético do judeu entre o final de década de 1930 e o início dos anos 1940 nos filmes antissemitas que precederam ao documentário e o ulterior esforço de apagamento da política genocida encetada por essa realização.

Título

Através das mídias. Narrativas intercaladas

Palavras-chave

Transmidia, Pós-graduação, Pesquisa laboratorial, Trabalho coletivo

Autoria

Gláucia Davino

Universidade Presbiteriana Mackenzie

glau.dav@gmail.com

Doutora em Ciências da Comunicação, pela Universidade de São Paulo. Mestre em Artes, pela Universidade de São Paulo. Bacharel em Cinema, pela Universidade de São Paulo. Docente no Programa de pós-graduação interdisciplinar Educação, Arte e História da Cultura e no curso de graduação de Publicidade e Propaganda, na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Desenvolve pesquisa em audiovisual, roteiro de cinema e audiovisual, humanidades digitais. Líder do grupo de pesquisa Núcleo Audiovisual [Nav]. Candidata ao estágio pós doutoral no Instituto de Artes da UNESP.

Resumo

Na medida em que as inovações digitais - antes restritas a profissionais das ciências exatas - ampliaram exponencialmente canais de troca e meios de armazenamento de informações, vimos irradiar o espectro da digitalização para o cotidiano. Plataformas vêm se disponibilizando e se desenvolvendo. As humanidades se depararam com a necessidade de acrescentar outras possibilidades de observar e atuar no mundo e, mais, de intermediar trocas de significações num sistema de comunicação digitalizado. Dentre as humanidades, destacamos a que se evidencia em nossos estudos, o audiovisual, cuja matriz é o Cinema. Assim como a linguagem do cinema foi fruto de uma invenção e acompanhou revoluções técnicas que, apropriadas por mentes criativas, consolidou-se como estado de arte e meio de comunicação, a progressão tecnológica digital expandiu os contextos de uso das linguagens ex-

pressivas: verbal, visual, sonora, cinematográfica/audiovisual. É neste quadro que incitamos nossa reflexão a cerca do exercício da escrita audiovisual, no universo digital transmídia. Como pesquisadores do roteiro e da roteirização, afirmamos que o mercado audiovisual contemporâneo brasileiro fez 12 XX Encontros de Cinema de Viana do Castelo . 2020 com que roteiristas (screenwriters) passassem a criar para mais de uma mídia audiovisual. Neste roll de profissionais, entram as equipes criativas em publicidade. Portanto, neste artigo, pretendemos revelar experimento de trabalho aplicados aos alunos de graduação em publicidade que, sob uma demanda de ensino tradicional de escrita para o audiovisual, se configurou como “laboratorial” de criação narrativa transmidiática. Tratou-se de um experimento com resultados não surpreendentes, mas relevantes na revelação do potencial exercício de criatividade em roteiros (screenplays). Desta forma, o experimento trouxe benefícios para os discentes que se viram diante do desafio de propalar histórias (stories) distintas dentro de um universo narrativo.

Título

ENTRETODOS - Uma introdução à expressão audiovisual no contexto da cidadania e Direitos Humanos

Autoria

Manuela Sobral

Manu Sobral vive e trabalha em São Paulo, Brasil. Formada em Cinema e Antropologia pela Universidade Paris 8, Mestre em Cinema de Ficção pela MET Film School Berlim. É produtora cultural (Festivais e Filmes para internet, tv e cinema independente) e roteirista dos longas brasileiros PONTO ORG e DSERTO AZUL. Dirigiu doze curtas exibidos em diversos Festivais. Autora do romance O ESTRANGEIRO NA GAIOLA publicado pelo selo EDITH no Brasil. É co fundadora e curadora do ENTRETODOS_ Festival de Filmes Curtos de Direitos Humanos de São Paulo, Brasil (<https://entretodos.com.br/>). Jorge Grinspum Jorge Grinspum - curador e coordenador do Festival Entretodos, e realizador do CineComentado, com projetos audiovisuais idealizados para o Centro Cultural São Paulo (CCSP), Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, Museu AfroBrasil, Museu Lasar Segall, Sebrae, SESC SP, Unesco; produtor e diretor de documentários.

Resumo

O curso trata das dinâmicas que a linguagem audiovisual embarca e, de forma introdutória, apresenta aos estudantes os recursos que ela mobiliza. A ideia é habilitar ao aluno os processos de criação de uma peça audiovisual - dramaturgia, estruturas narrativas, roteiro, a produção - e compreender os desdobramentos que dali surgem. A intenção é que, ao acessar os instrumentos teóricos e práticos, o aluno aprimore a compreensão da linguagem cinematográfica, suas subjetividades, posturas éticas e políticas que veem acopladas utilmente e presentes no corpo das obras; e, assim, entenda que toda ação audiovisual, gera uma reação naqueles que a recebem e, a partir daí, abre-se o espaço para uma troca. Conhecendo tais recursos, munido de uma análise crítica e mote argumentativo, o aluno se vê preparado para ações difusoras e multiplicadoras propostas pelo Entretodos, onde temas dos Direitos Humanos são apresentados a partir da exibição de filmes de curtas metragens. Pela possibilidade de convergência e fluidez, o audiovisual é a linguagem da geração atual garantindo amplo acesso por meio de recursos virtuais inerentes a ela. Assim, a tríade educação, audiovisual e Direitos Humanos, gera um conteúdo potente e envolvente para a transformação social, e reforça o poder transformador dos realizadores e curta-metragistas brasileiros. O ENTRETODOS através deste curso busca intensificar sua atuação na formação do olhar cinematográfico e na difusão da Cultura e da Educação em Direitos Humanos ao difundir, fomentar e incentivar a produção autoral e independente por parte de grupos e coletivos de adolescentes, jovens e cidadãos em geral interessados na linguagem e expressão audiovisual ao oferecer módulo introdutório de OFICINA AUDIOVISUAL e aborda áreas abrangentes da cinematografia, potencializando o caráter coletivo e colaborativo da realização audiovisual, favorecendo uma postura participativa dos jovens e o intercâmbio de conhecimento e experiências entre pares, constituindo-se em um processo educativo transformador.

novembro 05

> 15:00H > CINEMA: ARTE, CIÊNCIA E CULTURA > SESSÃO 3

Moderador - José da Silva Ribeiro

Título

CINEMA-CORPO OU CORPO-CINEMA: Diálogos entre o corpo sem órgãos e o cinema nas proposições de Antonin Artaud

Palavras-chave

Corpo sem Órgãos, Cinema, Antonin Artaud, Surrealismo

Autoria

Sandra Regina Chaves Nunes

FAAP / FATEC / Diversitas - FFLCH/USP

Pós-doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo e em Teoria Literária pela Universidade Federal de Minas Gerais. Curadora e organizadora do Festival Internacional de Documentários de Melgaço/Portugal, no Brasil, desde 2018. Pesquisadora do Diversitas/USP; Professora e Orientadora de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades, do Diversitas/USP, desde 2012. Professora de Literatura e Dramaturgia, da Fundação Armando Álvares Penteado/FAAP e de Comunicação e Expressão da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo/FATEC-Cotia. Coordena o Grupo de Estudos ARCUS - Arte, Cultura e Subjetividade, vinculado ao Diversitas/USP. Idealizou e coordena o LEPIC - Laboratório de Economia Criativa, Política e Indústria Cultural da Fatec Cotia. Autora do Blog História Fotografada, História (Com)Partilhada, <https://historiafotografada.wordpress.com/>. Membro do Grupo de Estudos de Cinema e Narrativas Digitais da AO NORTE/Associação de Produção e Animação Audiovisual, Portugal. Autora de livros e artigos sobre Literatura, Artes e Transformação Social.

Luíza Fonseca

FAAP

Atriz formada pelo Teatro Escola Macunaíma, dançarina e graduanda em Comunicação Social com habilitação para Cinema pela FAAP.

Resumo

Ao se pensar no cinema como um espaço para o potente gesto dos “estados culminantes da alma”, Antonin Artaud (1896 – 1948) – ator, poeta, dramaturgo, diretor, escritor e pensador francês – desenvolveu um compilado teórico e artístico acerca de sua proposta para essa forma artística. Para além de sua reconhecidíssima contribuição ao teatro, está o seu, não tão conhecido e discutido, trabalho com o cinema, que envolve sua atuação como pensador, roteirista e ator. Artaud produziu diversos textos esparsos condensando suas proposições sobre a criação de uma nova linguagem cinematográfica para a sua época. Assim como escreveu oito roteiros, dos quais apenas um foi filmado: A Concha e o Clérigo (1928), dirigido pela cineasta surrealista Germaine Dulac. É nesse universo, um tanto injustamente inexplorado de sua obra, que essa comunicação se propõe a adentrar.

Título

Incursões cromáticas em filmes a preto e branco

Palavras-chave

cinema a preto e branco, cinema a cores, hibridismo cromático

Autoria

Jaime Sérgio de Oliveira Neves

Escola das Artes - UCP
jsoneves@yahoo.com

Jaime Neves é doutorado em Ciência e Tecnologia das Artes pela Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa onde actualmente é Professor Auxiliar Convidado (lecciona na área de Cinema e Novos Media). É investigador integrado no CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes. Tem participado em diversas conferências relacionadas com estudos cinematográficos e é autor de vários artigos publicados sobre a mesma temática. Foi fundador, programador e director do Black & White – Festival Internacional Audiovisual (entre 2004 e 2016) e, desde há vários anos, tem vindo a colaborar com diversos festivais internacionais de cinema, quer como programador, quer como membro do júri.

Resumo

O recurso à inclusão de elementos cromáticos ou curtas cenas coloridas em produções cinematográficas a preto e branco é algo que, apesar de não muito frequente, vem pontualmente acontecendo ao longo da história do cinema em filmes como, por exemplo, O Couraçado Potemkine (1925) de Sergei Eisenstein, passando por, entre muitos outros, Juventude Inquieta (1983) de Francis Ford Coppola, As Asas do Desejo (1987) de Wim Wenders, A Lista de Schindler (1993) de Steven Spielberg ou mesmo, no caso português, Domingo à tarde (1966) de António Macedo um dos filmes percussores do cinema novo em Portugal. Pelo recurso pontual à cor num filme a preto e branco, procura-se objectivar e potenciar uma clara distinção que enfatize linhas narrativas capazes de evidenciar, ao entendimento do espectador, uma clara demarcação de sentidos opostos, sejam eles de factualidade e sonho, passado e presente ou ainda, por exemplo, realidade e fantasia. Procura-se, de igual forma, por esta via, viabilizar uma catalogação diferenciadora de estados díspares onde o efeito da presença simultânea do preto e branco e da cor pode alternadamente remeter o espectador para ambientes de tensão latente, universos utópicos e inusitados, fantasiosos ou mesmo, porventura, vivências distintas. Neste trabalho, partindo da análise de várias obras cinematográficas, pretende-se elencar, analisar e reflectir sobre as potencialidades das incursões cromáticas num registo cinematográfico a preto e branco.

Titulo

A sequência de fotos no vídeo documental e a receção de tempo e silêncio

Palavras-chave

documentário e fotografia fixa, voz-off, silêncio, ruído

Autoria

Marcelo de Mattos

ESMAD

contato@marcelodemattos.com

Estudante no Mestrado em Comunicação Audiovisual, área de Fotografia Documental, na ESMAD / Politécnico do Porto.

Coautoria

Adriana Baptista

mab@esmad.ipp.pt

Docente no Mestrado de Comunicação Audiovisual, área de Fotografia e Cinema Documental, na ESMAD/IPP, de Semiótica e Retórica e Verbal e Visual, Doutorada em Psicolinguística (Literacia Verbal e Visual); investigadora na uniMAD/ESMAD e no CLUL/FLUL.

Luís Ribeiro

lfpr@esmad.ipp.pt

Fotógrafo, Especialista na área de Artes da Imagem, desenvolve trabalho em registo de espectros invisíveis aplicado ao estudo de obras de arte. Enquanto autor está representado em colecções privadas e institucionais. Tem trabalho publicado em Portugal, França, Reino Unido e Japão. Actualmente é Professor adjunto na ESMAD, IPP.

Filipe Lopes

filipelopes@esmad.ipp.pt

Doutorado pela Universidade do Porto em Média-Digitais, é compositor com fortes afinidades com música eletroacústica e desenvolve trabalho nas áreas da instalação multimédia, cinema e teatro. Atualmente, além do trabalho criativo e pedagógico que combina música e tecnologias digitais, é professor Adjunto na ESMAD/IPP, investigador integrado no CIPEM/INET-Md e uniMAD.

Resumo

Partindo do princípio que a fotografia tem a capacidade de imobilizar o sujeito fotografado no tempo, é-lhe sistematicamente atribuído o poder de matar e de ressuscitar. Sabendo que a realização do vídeo documental se suporta, frequentemente, na imagem fotografada, ainda que esta não busque o movimento iminente dos sujeitos ou dos objetos, mas a fugacidade do instante prévio, síncrono ou póstumo ao acontecimento, considerámo-la capaz de captar, para além do sucedido, a fugaz imagem especular da alma do sujeito ou do objeto. No cinema, onde se recupera através da voz-off ou do som-off, por trás do estatismo da imagem fotográfica, o que o sujeito eventualmente disse ou o som que eventualmente foi produzido, síncrono ou assíncrono com o instante visualmente captado, a sincronia e a diacronia cruzam informação. Se os efeitos sonoros na sequência fílmica laboram em coerência ou incoerência diegética com a voz-off quando, nessa sequência, a fotografia se impõe, não se exige ao som que se coadune com o movimento dos lábios, mas, por vezes, entre o som e o olhar, o corpo e as mãos, a sequência não exhibe qualquer distância. Consideramos que as mãos e os olhos dos sujeitos produzem frequentemente expressões sinérgicas capazes de falar retoricamente e agarrar o poder de construir o conhecimento do mundo através da legibilidade do silêncio. Assumindo que o silêncio pode ser a voz das mãos, não ignoramos que o silêncio é também a fronteira entre tudo o que é dito e coabita bem com a dimensão fixa da representação fotográfica porque a fotografia, parando o corpo, também pára a voz. O ruído, tido frequentemente como uma invasão do silêncio, tem o incalculável poder de fugir do cinema mudo para o cinema silencioso loquaz. Apesar de Círio Marcondes afirmar que não existe apenas um cinema silencioso, também afirma "(...) todo o filme silencioso é um filme de terror, de certa forma, porque está ressuscitando pessoas mortas." (Marcondes, 2016, p.18) As masseiras são um terreno escavado abaixo da linha do horizonte, fugitivo do vento e do sal do mar e, nesta perspetiva, propomos a realização de um documentário sobre as masseiras, suportado pela fotografia fixa e pelo som síncrono entre a imagem parada no tempo e a voz e o vento que recuperaram a vida, trazendo através da sequência cinematográfica e do som não a ação, mas o tempo (cf. Chion, 2005). Neste trabalho pretendemos sistematizar todos os objetivos que o cinema, suportado em fotografias com voz pós-síncrona pode cumprir, através da manipulação do silêncio, do ruído coerente e incoerente com a imagem e da voz-off e analisar a gestão da voz pós-síncrona enquanto estratégia retórica disponível para as sound-bridges entre as fotografias e a instrução verbal mandatária sobre o processamento visual das imagens fixas. Para Marcondes, "a enzima catalisadora da verdade" entre o cinema e a poesia é o silêncio. Assim, tentaremos contrastar a intenção de manipular o silêncio na sequência fotográfica com a análise do filme silencioso *Die Grosse Stille* (Into great silence) - 2005 de Phillip Gröning, sobre os silenciosos monges cartuxos, onde, apesar de o filme documentar o que acontece, o silêncio absoluto emparelha com a sequência cinematográfica (nunca alheia ao movimento ou mesmo ao diálogo) e, por isso mesmo, intensifica a mudez sem produções verbais orais mandatárias (embora apareça texto escrito e escrita) sobre o scanpath do olhar do espectador.

Título

Guionismo: conceitos revisitados

Palavras-chave

Processo de criação, Guionismo, Cinema brasileiro contemporâneo

Autoria

Ana Patrícia de Queiroz Carneiro Dourado

CIAC-UAlg / PUC-SP

apdourado@ualg.pt

Guiionista, investigadora do CIAC e membro do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP. Investiga o processo de criação no cinema, com foco nas práticas de roteiro. Trabalha há mais de 10 anos com guiões, tendo escrito desde séries de animação para TV à guiões para educação digital.

Resumo

Em ABC of Reading, Ezra Pound lembra da importância de ouvir aos poetas para perceber a poesia e de observar aos quadros - mais que aos livros a respeito dos quadros - para perceber a história da arte. Vamos aqui falar de guiões. Mas a premissa é a mesma. Ouvir aos guionistas para perceber a poesia. Observar aos guiões para perceber a história da arte cinematográfica. O estudo da prática de diferentes guionistas do cinema brasileiro contemporâneo nos levou a rever alguns conceitos usualmente encontrados em bibliografias da área. Entre eles, o próprio conceito de guião. Outros conceitos revistos com base nesse estudo foram os conceitos de narrativa e de espectador. Entre os guionistas cujas práticas alimentam esta investigação estão Anna Muylarte, Eliane Caffé, Karim Ainouz, Alê Abreu, Cão Guimarães e Leonardo Mouramateus. O método de análise se faz pelo estudo misto das práticas comunicativas e das estratégias de criação identificadas nos registros de processo (guiões, relatos e entrevistas), sob o aporte teórico e metodológico da teoria crítica de processos de criação de Cecília Almeida Salles. Complementam a investigação os conceitos de continuidade da mente, de Charles Sanders Peirce; de narrativa como processo de criação, de Paul Ricoeur; e de aprendizagens do cinema, de Vítor Reia-Baptista.

novembro 06

> 11:00H > CINEMA E EDUCAÇÃO > SESSÃO 2

Moderador: Fabrício Queiroz

Título

A utopia no reino dos possíveis: filosofia com cinema para crianças

Palavras-chave

Cinema, Filosofia, Crianças, Comunidade de Investigação, Vasco Sá e David Doutel

Autoria

Maria Elsa da Fonseca Cerqueira

Universidade dos Açores
elsacerqueira@gmail.com

Docente de Filosofia, Coordenadora do Plano Nacional de Cinema da Escola Secundária de Amarante e Vice-Presidente do Cineclube de Amarante. É Mestre na área da Filosofia da Educação e pós graduada em Filosofia Moderna e Contemporânea, pela Universidade do Minho. Autora e dinamizadora do projecto "Filosofia com Cinema para Crianças", distinguido como "ideia extraordinária", pelo concurso nacional "Escola Amiga da Criança". Realizou, em França, a formação "A Cannes, faites votre cinéma dans la classe", no âmbito do programa Erasmus +. Foi recentemente oradora no "(H)à Conversa sobre...Cinema de Animação, Infância(s) e Filosofia", promovido pelo NICA (Núcleo Interdisciplinar da Criança e do Adolescente, Universidade dos Açores, janeiro 2019), com a comunicação "A infância no filme História Trágica com Final Feliz", de Regina Pessoa, 2005 e no "XXIX Encuentro Iberoamericano de Filosofía para niños y niñas" com o título "Filosofia com Cinema para Crianças (FcCpC)", Málaga, março de 2019. Desenvolve a dissertação de mestrado "Filosofia com cinema de animação para crianças e jovens - O caso singular de Regina Pessoa", na Universidade dos Açores. Integrou os Júris da competição Internacional Longas, do Festival Internacional de Cinema Ambiental da Serra da Estrela, CineEco, 2019; do Festival de Vídeo Escolar, Encontros de Cinema de Viana (2018), de pré-seleção do Festival Internacional de Cinema de Animação, Cinanima, Espinho, (2017); Cineclubes, Prémio "PrimeirOlhar" (Encontros de Cinema de Viana, 2016), Fafe Film Fest (2014, 2015, 2016). É curadora da exposição itinerante, "De Tela a Tela, Cineviagens" com obras inspiradas no cinema de animação. Criadora e

Resumo

O que é a Filosofia para Crianças? Qual é o papel da comunidade de investigação filosófica nas sessões de Filosofia para Crianças? É possível potenciar o questionamento filosófico a partir da imagem em movimento, ou seja, o cinema? Esta comunicação, análoga a uma viagem, ao invés de convocar a matriz “clássica” da Filosofia para Crianças ancorada desde o seu fundador, Matthew Lipman, na narrativa novelística, convida a narrativa fílmica para protagonista e intentará desvelar a experiência ético-estética de vinte e duas crianças da turma SG2A - 2.º ano, da Escola Básica n.º 2 de Amarante, com a curta-metragem de animação portuguesa “O Sapateiro” de Vasco Sá e David Doutel, 2011.

Título

Projeto com Projetos

Palavras-chave

aprendizagem, Artes, planeta em perigo, projeto, multidisciplinaridade

Autoria

Maria Celeste Henriques de Carvalho de Almeida Cantante

CEMRI-UAb

mariahcantante@gmail.com

Doutoramento em Literatura, especialidade Literatura Norte-Americana, investigadora integrada do CEMRI-Media e Mediações Culturais, Universidade Aberta. Professora do quadro de nomeação definitiva de Inglês. Tem apresentado diversas comunicações em Portugal e no estrangeiro, na área da Literatura e do Cinema. Publicou diversos artigos. Orientadora de Mestrado, bem como formadora de docentes.

Resumo

Com este trabalho pretende-se divulgar um projeto aplicado a uma turma de oitavo ano de PCA (Projeto Curricular de Agrupamento). O mesmo está sustentado na metodologia de projeto e objetiva munir os alunos das competências de saber estar, saber ser e saber fazer, através de projetos que desafiam os alunos a pensar e agir globalmente sobre o Planeta em Perigo, nomeadamente no que respeita a poluição e o uso excessivo do plástico. Uma aprendizagem multidisciplinar sediada, sobretudo nas Artes Dramática e Literária, bem como na Escrita Criativa, procura despertar os alunos para a necessidade e o gosto pela aprendizagem e pelas Artes.

Título

A educação da sensibilidade através da análise estética de obras fílmicas e literárias

Palavras-chave

arte, audiovisual, literatura, educação, formação integral

Autoria

Denise Stefanoni Combinato

Instituto Tecnológico de Aeronáutica / Escola de Ensino Médio Integral - Secretaria de Estado da Educação de São Paulo
denisecombinato@hotmail.com

Graduada em Psicologia com Doutorado em Saúde Coletiva e Pós-doutorado em Bioética. É servidora pública federal do Departamento de Humanidades, no Instituto Tecnológico de Aeronáutica, em São José dos Campos/São Paulo/Brasil e coordenadora da pesquisa “Nós e os nossos nós”, com auxílio pesquisa da FAPESP.

Coautoria

Cláudia Renata Santos Vilela

Graduada em Pedagogia, Pós-graduada em Processo Ensino-Aprendizagem, em Ciências Naturais e suas Tecnologias e em Gestão Escolar. É servidora pública da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, atuando como Diretora na Escola Estadual de Ensino Integral Prof. Nelson do Nascimento Monteiro, em São José dos Campos/São Paulo/Brasil.

Thais Cristina Silva de Oliveira

Graduada em Ciências Sociais com Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade. É servidora pública da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, atuando como Professora na Escola Estadual de Ensino Integral Prof. Nelson do Nascimento Monteiro, em São José dos Campos/São Paulo/Brasil. É bolsista de Ensino Público da FAPESP.

Resumo

Vivemos em um contexto histórico orientado por referenciais econômicos, com uma formação pautada na razão instrumental. Será essa formação suficiente para alunos e professores da Educação Básica apropriarem-se do conhecimento clássico e se formarem integralmente? Entendemos que uma formação integral do ser humano, que inclua o sentir, o pensar e o fazer; que valorize o outro, o diferente e o múltiplo; demanda uma perspectiva estética e expressiva na formação de alunos e professores, tendo em vista a promoção do desenvolvimento integral humano e social. Com base nesses preceitos, desenvolveu-se uma pesquisa-ação em uma Escola Estadual de Ensino Médio Integral de São José dos Campos (São Paulo/Brasil), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), com objetivo de investigar os impactos da articulação da arte literária com o audiovisual no processo ensino-aprendizagem. Algumas atividades desenvolvidas foram a análise estética de obras fílmicas autorais e literárias com professores e alunos como, por exemplo, *O menino e o mundo*, de Alê Abreu (2014), *Olga*, de Jayme Monjardim (2004) e o poema *Identidade*, de Mia Couto (2018). Após três anos da pesquisa-ação com o mesmo grupo de alunos e de professoras de Arte, Geografia, História e Língua Portuguesa, identificou-se uma maior articulação entre as áreas do conhecimento (interdisciplinaridade), uma ampliação da capacidade leitora, interpretativa, perceptiva, imaginativa, crítica e sensível, uma intensificação no processo de estudo, de leitura e de escrita de alunos.

Título

Imagens e filmes enquanto recursos educativos

Palavras-chave

Filmes, Educação, Sociologia, Investigação-ação, Aprendizagem de serviço

Autoria

Manuela Benvida Vieira Gomes Cachadinha

ESSE/IPVC

mcachadinha@ese.ipvc.pt

Manuela Cachadinha é Professora do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, onde leciona desde 1985 na Escola Superior de Educação. É Doutorada em Educação, na especialidade de Educação e Interculturalidade pela Universidade Aberta. É Mestre em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa e Licenciada em Sociologia pela mesma Universidade. É investigadora integrada no Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais. Tem realizado trabalho de investigação sobretudo nas áreas da Sociologia, da Cultura, da Educação, da Interculturalidade e do Envelhecimento. Tem publicado diversos trabalhos de investigação e artigos em revistas nacionais e internacionais.

Resumo

Temos vindo a utilizar imagens e filmes como instrumentos pedagógicos dentro e fora da sala de aula. Dentro da sala de aula, temos trabalho com filmes que foram exibidos nos circuitos comerciais e que depois projetamos para os alunos com o intuito de provocar a reflexão sobre determinadas situações educativas e sociais. Fora da sala de aula, temos trabalhado com imagens e filmes que os próprios alunos produziram, a partir de contextos sociais e culturais reais, e que constituem pontos

de partida para a apropriação intelectual e reflexiva das realidades retratadas e filmadas. Os instrumentos visuais e sonoros utilizados têm-se revelado com potencialidades culturais, educativas e pedagógicas vantajosas, relativamente a outros recursos e estratégias mais convencionais, como sejam os materiais impressos em papel. Em contacto com os recursos audiovisuais, os alunos manifestam um maior envolvimento com a temática que se pretende tratar dentro da sala de aula. Ao produzirem imagens e filmes, os alunos envolvem-se ativamente com as situações filmadas, gerando-se reflexões tendencialmente mais implicadas nas situações e mais críticas na resolução de eventuais problemas retratados pelas imagens. Temos constatado que a utilização dos recursos audiovisuais e dos filmes constitui também uma forma de ultrapassar distanciamentos e alheamentos que, por vezes, os alunos apresentam relativamente a algumas matérias ou temáticas. Depois de algumas décadas de pesquisa e experimentação, podemos constatar que imagens e filmes afirmam-se como recursos estratégicos, sobretudo quando inseridos em projetos de investigação-ação na esfera pedagógica, de inovação educacional e de aprendizagem de serviço. Os recursos audiovisuais e, sobretudo, os filmes representam também um instrumento valioso quando inserido em projetos de promoção do sucesso escolar. Nesta comunicação apresentaremos alguns casos concretos de experiências pedagógicas efetuadas no ensino da Sociologia, com recursos a imagens e filmes.

novembro 06

> 15:00H > CINEMA E EDUCAÇÃO > SESSÃO 2

Moderadora: Patrícia Nogueira

Título

Imagem: Escrita na pesquisa e no ensino experiencial

Palavras-chave

Experiência, Imagem, Cinema, Pesquisa, Ensino

Autoria

José da Silva Ribeiro

CEMRI-UAb / GECND – AO NORTE

jsribeiro.49@gmail.com

Professor titular visitante da Universidade Federal de Goiás. Professor aposentado da Universidade Aberta. Investigador do grupo de Estudos de Cinema e Narrativas Digitais

Maria Alice Rocha

carvalho.mariaalice12@hotmail.com

Professora Adjunta do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Educação, pós-doutora em Arte e Cultura Visual.

Deise Mesquita

deisemesquita@gmail.com

Professora Adjunta do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Linguística.

Resumo

Este trabalho apresenta a experiência de ensino com a produção visual e audiovisual, realizada nas pós-graduações e Arte e Cultura Visual e no Mestrado Profissional em Ensino de Educação Básica oferecido pelo oferecidos pela Universidade Federal de Goiás, no Brasil. Seu eixo principal foi a exploração de estéticas baseadas nas tecnologias da imagem e do som para a inserção de elaborações acerca do ensino, de modo a enriquecer a experiência de cada um ao provocar, sugerir e criar. Se, como diz

Larrosa (2002), na contemporaneidade, a obsessão pela informação, a falta de tempo e o excesso de trabalho impõem certo modo de viver que torna quase impossível constituir experiências, é preciso problematizar e pensar em alternativas que invistam em processos de alteridade, que convoquem o sujeito para pensar, colaborar, descobrir, criar, aprender. Uma Aprendizagem não apenas baseada na transmissão de conhecimentos, mas sobretudo no desenvolvimento de competências criativas, de análise e síntese e de envolvimento dos estudantes em seus contextos específicos. Procuraremos apresentar o resultados de colaboração entre os dois programas de pós-graduação da Universidade Federal de Goiás e das experiências dos estudantes na produção audiovisual.

Título

'Encontros' Com o cinema de animação e com as crianças ao fazer filmes no Brasil e em Portugal

Palavras-chave

cinema de animação, experiências, fazer cinema

Autoria

Constantina Xavier Filha

UFMS/UNIRIO

tinaxav@gmail.com

Professora doutora da Faculdade de Educação e da na Pós-Graduação-CPAN da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no Brasil. Pós-doutora em Educação pela Unicamp; Realiza estágio de Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela UNIRIO, com supervisão da Profa. Dra. Adriana Hoffmann Fernandes; Pesquisa nas áreas de sexualidades, gênero, violência contra crianças, diferenças e direitos humanos. Autora de artigos científicos e livros na área de educação. Coordenadora de projetos de pesquisa e de extensão nas áreas de formação docente e dos projetos Brincar de Fazer Cinema com Crianças que produz filmes de animação em escolas públicas municipais de Campo Grande, MS.

Resumo

Trata-se de pesquisa de pós-doutorado em andamento realizada em uma universidade brasileira, no período de maio de 2019 a julho de 2020. A pesquisa tem por objeto as narrativas de professoras/es-cineastas brasileiras/os e portuguesas/os sobre seus encontros com o cinema de animação e as 14 XX Encontros de Cinema de Viana do Castelo . 2020 experiências de produção de filmes com crianças. A pesquisa pretende questionar como tais profissionais (re)significam suas experiências de encontros com o cinema na produção de filmes de animação com crianças; quais seus encontros com o cinema; quais os desafios e possibilidades enfrentados nos processos de produção de filmes de animação com crianças; quais semelhanças e diferenças são apresentadas nas narrativas das experiências vividas, na realidade brasileira e na portuguesa. Propósitos gerais do estudo são de coletar, discutir e problematizar tais narrativas, buscando evidenciar proximidades e distanciamentos entre as experiências vividas e realizadas nos dois países. Como pressupostos metodológicos, a investigação é qualitativa, na perspectiva dos estudos pós-críticos e tem como técnica a entrevista semiestruturada. O estudo tem por referencial teórico os Estudos Culturais e pressupostos foucaultianos, em articulação com os estudos de cinema e educação. No presente texto pretende-se descrever e problematizar os encontros com o cinema de animação da própria pesquisadora, que deu origem a investigação, demonstrando a criatividade e subjetividade do estudo, entremeando suas narrativas com as ações e experiências vividas, pessoais e profissionais, com as vivências de produção de filmes de animação com crianças em projetos de extensão e pesquisa de universidade federal do interior do Brasil, em escola pública municipal.

Título

Cinetékhton, Modos Do Cinema Aplicados Às Metodologias De Aprendizagem Da Arquitetura

Palavras-chave
Cinema, Arquitetura, Aprendizagem

Autoria

Jorge Paulo Duarte Hipólito De Sá

Universidade de Évora
jorgeduartesa@gmail.com

Jorge Duarte de Sá nasceu em Santarém em 1968, tem doutoramento em Artes Visuais, especialidade em Arte, Ciência e Tecnologia pela Universidade de Évora, Mestrado em Artes Tecnológicas pela Universidade Lusófona, Pós-graduação em Teorias da Arte na Faculdade de Belas Artes de Lisboa e licenciatura em Arquitetura na ESAF, Porto. É professor auxiliar no departamento de Arquitetura da Universidade de Évora. Membro do CIDHEUS- Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades. É presidente da Artefilme imagens em experiência. É autor e realizador de diversos filmes experimentais e documentários já premiados em diversos festivais nacionais e internacionais.

Resumo

A dialética entre arquitetura e cinema não é uma questão recente. As duas disciplinas unem-se desde a origem do cinema, numa relação que explora a profundidade, o tempo e o espaço. Fazer arquitetura com métodos e técnicas cinematográficas é o tema desta sugestão. A experiência afeta à proposta foi aplicada a alunos de arquitetura na unidade curricular de Representação Digital. Através de uma obra de arquitetura em projeto, ou já existente, propõe-se que o aluno construa paralelamente uma narrativa em imagem e em movimento que explora elementos da arquitetura e do cinema, como contraste, luz, sombra, massas, equilíbrio, proporção, profundidade. São também fornecidos processos e metodologias do cinema para a sua feitura, de forma a fundir metodologias arquitetónicas e cinematográficas durante o processo. Pretende-se ampliar os elementos da arquitetura como disciplina criando extensões da representação e expressão através da imagem em movimento, o resultado plasma-se num filme que aborda a arquitetura com uma estrutura cinematográfica criando uma arquitetura audiovisual.

Título

O DIALETO DAS NARRATIVAS DIGITAIS NA ESCOLA: Experimentações etnográficas com secundaristas

Palavras-chave

Narrativa digital, Juventude, Contemporaneidade, Filme estudantil

Autoria

Fabricao David De Queiroz

UFG
fabriciodavid@ufg.br

É docente do departamento de filosofia no CEPAE/UFG, pesquisador vinculado ao Grupo de Estudos Novas Tecnologias e Educação/UFG e ao Núcleo de Estudos em Educação, Violência, Infância, Diversidade e Arte/UFG, graduado e mestre em filosofia, e discente da 16ª turma de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG.

Resumo

O presente texto explora o trabalho de campo realizado com estudantes secundaristas a partir de experimentações etnográficas em uma roda de conversa sob o contexto de aula. Procura-se a abordagem cultural referente à relação da juventude com a escola pela interdisciplinaridade entre as áreas da educação e da antropologia. A fratura da formação escolar com o dialeto das narrativas digitais coloca o problema da investigação. Assume-se o paradigma da imagem como panorama da contemporaneidade para pensar a condição humana. Justifica o esforço aqui empreendido o descompasso cultural premente entre a escola e os estudantes, as concepções das ciências sociais que negligenciam a condição humana da juventude, a empreita da antropologia voltada para o tema da juventude e,

por fim, os entraves da formação escolar contemporânea em vista de relações culturais partilhadas. A atividade pedagógica de uma roda de conversa com o tema das narrativas digitais e o respectivo registo audiovisual realizado pelos estudantes e investigadores foi objeto de uma etnografia experimental neste trabalho. Assim, realizou-se uma tentativa de trabalho pedagógico que trouxe a cultura juvenil para o contexto escolar, o que evidenciou a necessidade de integração cultural no processo formativo para superar a imediata experiência dos estudantes com as narrativas digitais e para viabilizar a prática pedagógica. A constituição filosófica de um problema teve seu início pela produção de um vídeo etnográfico, resta-lhes desenvolver a liberdade que a câmara lhes permite viver e pensar pela imagem.



**9.^a conferência
internacional
de cinema**

**XXENCONTROS DE
CINEMA**

<http://www.encontrosdecinema.pt>